Entre marias, rezas e plantas: a rede de benzedeiras do município de Prados, Minas Gerais-Brasil.

Between Marias, Praying and Plants: The network between women folk healers of Prados, Minas Gerais-Brazil.

FANTINI, Isabella Fernandes[1]; NOVATO, Thiago da Silva[2]; PEREIRA, Ana Clara Alves[3]; MING, Lin Chau[4]

[1] Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), isabellaffantini@gmail.com; [2] Universidade Federal Rural de Pernambuco, thiagonovato799@gmail.com; [3] Universidade Federal Rural de Pernambuco, anaclara.apereira@gmail.com; [4] Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, linming2809@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção Agroecológica

Resumo: Os objetivos da pesquisa foram desenhar a rede de benzedeiras do município de Prados, bem como fazer o levantamento etnográfico das formas de transmissão dos conhecimentos tradicionais, suas práticas, cosmologias, sistemas de valores culturais e conhecimentos botânicos. Nesse sentido as benzedeiras colocam a agroecologia em prática e movimento cotidianamente, por meio do cuidado que produzem, mantêm e transmitem conhecimentos sociobiodiversos que contribuem para a promoção do Bem Viver e para a educação popular. As metodologias utilizadas foram observação participante, entrevistas semiestruturadas e turnês guiadas. Os resultados obtidos demonstram que a rede de benzedeiras é ativa. As plantas são suas companheiras e estão presentes em perspectivas místicas, ritualísticas e medicinais, dentro de espaços coletivos que estão sendo encurralados pelo crescimento urbano. Demonstra, dessa maneira, que medidas de gestão pública devem ser tomadas para conservação sociobiocultural.
Palavras-chave: saberes femininos; ofícios tradicionais; etnobotânica; memória afetiva; patrimônio biocultural.

Introdução

O ofício das benzedeiras é registrado desde tempos remotos da humanidade. Com os avanços da ciência aliados ao capitalismo, as detentoras desses conhecimentos sofreram diversas retaliações que culminaram na marginalização e desvalorização de seus saberes por grande parte da sociedade (CARVALHO *et. al*, 2017). No Brasil essa prática da medicina popular apresenta traços culturais muito ricos, a partir da combinação de elementos sociobiodiversos dos diferentes povos que aqui habitaram e habitam.

Dentro deste contexto, as pessoas que resistem e praticam o benzimento possuem importante papel social para suas comunidades (CARVALHO *et al.,* 2017; CASTRO *et al.*, 2021), presentes principalmente nas periferias dos ambientes urbanos (ARAÚJO, 2019) e em contextos rurais (CASTRO; VILLACORTA, 2021). O rapper Criolo expressa essa relação no seguinte trecho da música Sucrilhos: “Di

Cavalcanti, Oiticica e Frida Kahlo/ Têm o mesmo valor que a benzedeira do bairro" (GOMES, 2011), no qual equipara a importância das benzedeiras para os bairros periféricos com a relevância de artistas plásticos latinos de grande prestígio na sociedade moderna.

As mulheres são as protagonistas do ofício de benzeção (ARAÚJO, 2019; CARVALHO *et. al*, 2017; CASTRO; VILLACORTA, 2021; SOUSA *et al.*, 2021). Essa perspectiva de gênero se justifica dentro da construção histórico social contemporânea, na qual o feminino foi colocado ou encurralado para as atividades domésticas (JESUS, 1960). Ocupando a base dos cuidados das famílias desde a infância, garantindo educação, segurança, soberania alimentar (LADIO, 2021), transmissão de conhecimentos sobre plantas medicinais *(*DA COSTA *et. al*, 2021) e cuidados da saúde fisiológica e espiritual (SOUSA *et al.*, 2021).

Nesse sentido, as plantas formam um importante componente das espécies companheiras das benzedeiras, presentes dentro do ofício em perspectivas místicas, ritualísticas e medicinais. O reino vegetal está em constante diálogo com o sagrado que transpassa a medicina e a educação popular. Esta característica se apresenta como estratégia de desenvolvimento fora da percepção e do poder do Estado, construindo identidades culturais coletivas e individuais multiespécies (MENDES; CAVAS, 2018).

Buscamos responder a pergunta: quais estratégias de resistência que as benzedeiras de Prados utilizam para promoção de suas práticas e defesa da biodiversidade? A pesquisa se justifica por reconhecer que este ofício promove cotidianamente o cuidado das comunidades, conservando e produzindo conhecimento popular, educação e biodiversidade, contribuindo para a promoção do Bem Viver (SOLÓN, 2019). Dessa maneira, dialogando com a ciência e se tornando argumento para que estas pessoas possam buscar por seus direitos. Os objetivos desse trabalho são desenhar a rede de benzedeiras do município de Prados, Minas Gerais, bem como realizar o levantamento etnográfico das formas de transmissão dos conhecimentos tradicionais, suas práticas, cosmologias, sistemas de valores culturais e conhecimentos botânicos.

O município de Prados está localizado no sudeste de Minas Gerais (Fig. 2) a 590 quilômetros da capital Belo Horizonte, inserido em uma área de transição entre Mata Atlântica, Cerrado e nos topos de morro, Campo Rupestre (CIRINO; DE LIMA, 2008). A cidade foi criada em 1704, fruto de atividades minerárias na região e atualmente a principal fonte de renda da população, estimada de 9.128 habitantes, consiste no turismo e artesanato. O presente estudo investigou as pessoas que praticam o benzimento da área urbana da sede do município, para descrever possíveis estratégias locais de conhecimento tradicional frente ao avanço da urbanização e medicina corporativa.

Metodologia

O levantamento de dados ocorreu entre julho e agosto de 2021, período da pandemia de Covid-19, a partir de uma proposta de projeto vinculada a disciplina de Etnobotânica da Universidade Federal de Santa Catarina. Utilizamos a triangulação de metodologias clássicas da etnobotânica para levantamento dos dados, sendo elas: método Bola de Neve, entrevista semiestruturada, turnês guiadas aos quintais

produtivos e observação participante. É importante destacar que a cidade de Prados é o local onde mora a mãe da pesquisadora que fez os levantamentos dos dados e na qual a mesma morou durante o período de pandemia e visita desde 2014, o que permitiu percepções bem sutis das parceiras de pesquisa com as pautas de conversa.

Resultados e Discussão

Foram entrevistadas 20 benzedeiras entre 42 e 85 anos, sendo a média das idades em 67 anos. A principal atividade exercida por elas é o serviço doméstico, das quais 85% são donas de casa, 5% empregadas domésticas, 5% cuidadoras de idosos e 5% professoras. Todas declararam ser católicas e rezarem para a Santíssima Trindade na prática do ofício. Nenhuma das parceiras relatou requerer valores monetários para as práticas de benzimento. As benzedeiras entendem que suas atividades são uma dádiva concedida por Deus. Nesse sentido, elas são intermediárias do processo de cura, assim como quem é benzido, sendo fundamental que as pessoas envolvidas tenham muita fé, para que o benzimento tenha sucesso. Portanto, a relação de conceder, receber e retribuir acontece a partir do ato de não se cobrar financeiramente pela benzeção. Pelo fato delas relatarem receber esse dom de graça, sua contra dádiva ou o meio de pagar por essa dívida concedida pelo sagrado é atender sua comunidade gratuitamente.

Foi observado o padrão de disputa por *status* e legitimidade, em que a maioria de nossas parceiras de pesquisa dizia que os padres e médicos da região indicavam a benzeção para cura de males, características construídas a partir de uma lógica colonial, na qual a legitimação do saber popular tem mais prestígio se for reconhecida por outras entidades, como a igreja e a ciência (CARDOSO; NASCIMENTO, 2019). Em contraste, duas participantes pediram para não comentar sobre suas práticas para outras pessoas, uma por medo de retaliação do padre e outra por medo do julgamento de seus pares, dizendo “tem pessoas que confundem benzeção com macumba” (B.6, 42 anos).

Podemos entender que, para esse contexto sociocultural, os sistemas de saúde populares/médicos se complementam. Na cosmovisão dessas atrizes “existem doenças que o médico cura, mas outras só se curam com benzimento e muita fé” (B.8, 72 anos). Elas assumem a responsabilidade de tratar as doenças que a ciência não consegue resolver, por meio da sabedoria ancestral que a elas foi concedida. Entretanto, também instruem seus pares a procurar o hospital, quando julgam que é necessário.

A rede de benzedeiras de Prados foi composta por 32 mulheres e apenas 2 homens. Foram identificadas 20 categorias nosológicas tratadas por essas mulheres: Aguamento; Ansiedade antes de prova; Azia; Bicheira; Bronquite; Corta íngua; Corta medo de andar; Criação com doença; Dor de cabeça; Dor na coluna; Erizipela; Jeito; Machucado; Mau olhado; Nascer neném; Picada de cobra; Quebrante; Queimadura; Sapinho; Vento virado.

O estabelecimento das relações entre benzedeiras se apresenta como importante mecanismo para troca de informações e consequente conservação dos saberes intrínsecos ao ofício. As mulheres descreveram ser importante receber o

benzimento de suas colegas, para seu fortalecimento espiritual. Todas as companheiras de pesquisa relataram que quando são procuradas para benzer uma categoria nosológica que não é de seu domínio elas indicam outra benzedeira de sua rede, demonstrando a importância dessa organização social.

Existem também benzedeiras que são especialistas em determinadas enfermidades, como por exemplo, a participante B.26 que é famosa na cidade por fazer a simpatia de bronquite mais eficaz, utilizando chocalho de cobra cascavel. As benzedeiras podem apresentar características específicas do ofício que estão presentes em suas famílias, ou características mais generalistas, compartilhadas pela maioria de suas companheiras.

Por exemplo, o uso de 9 cinzas do fogão de lenha no copo de água que foi descrito como um dos procedimentos para benzimento por 90% das entrevistadas.

Sobre a transmissão do conhecimento 75% de nossas parceiras relataram a transmissão vertical, método de aprendizagem sobre as práticas de benzimento. Nesse caso, os ensinamentos por intermédio materno são mais significativos, presente em 61% dos casos de transmissão vertical. Dentro dessa perspectiva, a maioria das benzedeiras disse que o processo de aprendizado aconteceu de forma orgânica, a partir de ouvir e observar diariamente suas mães, avós e tias benzendo, padrão conhecido como "transmissão por impregnação" no qual não se designa apenas um mestre e sim um conjunto de fatores históricos e sociais que permitem a aprendizagem do ofício (CHAMOUX, 1981), característica observada também em parteiras tradicionais (CARDOSO; NASCIMENTO, 2019).

A transmissão horizontal do conhecimento também foi bastante significativa, na qual, 35% de nossas entrevistadas disseram ter aprendido práticas de benzimento com pessoas de sua mesma geração com proximidade territorial e/ou familiar. A transmissão de conhecimento oblíqua foi registrada em apenas um dos casos, apresentando caráter fortemente místico "foi uma Dona na Santa Casa que olhou pra mim e me disse que tinha que me ensinar a benzer. Desde então eu não parei mais" (B.17, 58 anos).

Nesse sentido, podemos entender o benzimento como saber fazer ancestral guiado pelo afeto. A partir de uma epistemologia do amor, a transmissão do ofício acontece na esfera da investigação contemplativa, passando por etapas de respeito, suavidade, intimidade, vulnerabilidade, participação, transformação gerando, dessa maneira, intercâmbio de saberes entre mulheres, homens e crianças, possibilitando a construção das noções de reconhecimento e pertencimento ao território, características essenciais para o Bem Viver (SOLÓN, 2019).

A partir das entrevistadas, foram identificadas 56 etnoespécies de uso medicinal e místico. A espécie *Plectranthus barbatus* Andrews (boldo-folha-miúda) foi a mais citada (10 citações), seguida de *Ruta graveolens* L. (arruda); *Ageratum conyzoides* L. (erva-de-são-João); *Foeniculum vulgare* Mill. (funcho); e *Mentha pulegium* L. (poejo), todas com 6 citações.

Sobre as plantas utilizadas no ato de benzer 45% das companheiras de pesquisa relataram fazer uso do reino vegetal para curar seus pacientes, sendo o *Gossypium herbaceum* L. (algodão) a planta mais citada (4), utilizada para "coser" que consiste em rezar costurando pano de algodão branco, para aliviar dores musculares. A segunda planta mais citada (3) foi *Ricinus communis* L. (mamona) a combinação com sal e rezas acaba com o "melado do cobreiro" e do "sapinho". O

Hypericum brasiliense Choisy (Alecrim do mato) é utilizado como vassoura, para cortar o medo da criança que está aprendendo a andar. Os registros do uso das outras plantas citadas foram sobretudo com ramos que auxiliam no momento da reza e para trazer proteção espiritual.
A maioria das benzedeiras coleta plantas para uso em hortas compartilhadas por familiares e vizinhança, normalmente a pessoa com idade mais avançada é a proprietária, mas a terra é gerida coletivamente. Foram registrados diversos relatos de interação com a lua, o clima e os animais para as práticas de benzeção.

Conclusões

Portanto, salientamos a importância de se traçar estratégias de gestão coletivas que valorizem e incentivem a conservação e proliferação dos saberes das benzedeiras, que promovem a cura física e espiritual de quem faz e recebe a benzeção, bem como o desenvolvimento de planos de governanças que contribuam para o estabelecimento e enriquecimento da agrobiodiversidade presente nas hortas e quintais coletivos, ferramentas importantes para conservação dos conhecimentos populares medicina popular dentro e fora de seus territórios.

Agradecimentos

Nosso profundo agradecimento a todas as parceiras de pesquisa, que nos receberam com tanta generosidade em um momento delicado e a CAPES pela bolsa concedida.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, J. C. de. **Com arruda e fé, mulheres que benzem a resistência**. 38 f. TCC (Ciências biológicas). Universidade Federal de Juiz de Fora, 2019.

CARDOSO, M. A. de S.; NASCIMENTO, R. **O dom e a dádiva entre parteiras do Amapá**: **uma abordagem etnográfica.** Saúde e Sociedade, v. 28, n. 1, p. 235–249, 2019. Available at: https://doi.org/10.1590/s0104-12902019170010

CARVALHO, S. Z.; MENDES, L.; BONINI, D. M. **Etnoconhecimento de plantas de uso medicinal por benzedeiras/benzedores e rezadeiras/rezadores de Anhembi e Mogi das Cruzes – SP**. Revista Eletrônica Correlativo, v. 16, n. 2, p.133-152. 2017.

CASTRO, R. C. de Q.; VILLACORTA, G. M. **O Ofício De Benzer Como Produção De Conhecimento No Município De Tracuateua –** PA, Amazônia, Brasil. Nova Revista Amazônica, [s. l.], v. 9, n. 1, p. 143, 2021. Available at: https://doi.org/10.18542/nra.v9i1.10035

CIRINO, J. F.; DE LIMA, J. E. **Valoração contingente da Área de Proteção Ambiental (APA) São José - MG:** um estudo de caso. Revista de Economia e Sociologia Rural, [s. l.],

v. 46, n. 3, p. 647–672, 2008. Available at: https://doi.org/10.1590/S0103-20032008000300004

DA COSTA, F. V.; GUIMARÃES, M. F. M.; MESSIAS, M. C. T. B. **Gender differences in traditional knowledge of useful plants in a Brazilian community**. Plos One, [s. l.], v. 16, n. 7, p. e0253820, 2021. Available at: https://doi.org/10.1371/journal.pone.0253820

GOMES, K. C. **Sucrilhos**. In: NÓ NA ORELHA. São Paulo: Oloko Records, 2011.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo –** diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

LADIO, A. H. Mujeres Rurales En El Sostenimiento De La Soberanía Alimentaria Y Los Equívocos Patriarcales En Los Estudios Etnobiologicos Del Norte De La Patagonia. Ethnoscientia, [s. l.], v. 6, n. 2, p. 1, 2021. Available at: https://doi.org/10.22276/ethnoscientia.v6i2.367

MENDES, D. S.; CAVAS, C. S. T. **Benzedeiras e benzedeiros quilombolas –** construindo identidades culturais. Interações, Campo Grande, MS, v. 19, n. 1, p. 3–14, 2018. Available at: https://doi.org/h? p://dx.doi.org/10.20435/inter.v19i1.1568

SOLÓN, P. Bem Viver. In: SALÓN, P. (org.). **Aleternativas sistêmicas**: Bem viver, decrescimento, comuns, ecofeminismo, direitos da Mãe Terra e desglobalização. 1. ed. São Paulo: Editora Elefante, 2019. p. 19–64.

SOUSA, M. C. De et al. **Cura pela Fé**: As Benzedeiras do Cariri Cearense / Healing by Faith: The Benzedeiras of Cariri Cearense. ID on line REVISTA DE PSICOLOGIA, [s. l.], v. 15, n. 54, p. 323–332, 2021. Available at: https://doi.org/10.14295/idonline.v15i54.2971